

TERRITÓRIOS EM MUDANÇA

APROPRIAÇÃO, OCUPAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TERRITÓRIO EM CONTEXTOS DE TRANSIÇÃO

FRANCISCO B. GOMES Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia, UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, franciscojbgomes@gmail.com

CATARINA ALVES Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia, UNIARQ-Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, catarina4alves@gmail.com

A ocupação e a exploração do território têm constituído, desde há muito, um dos principais tópicos de análise da investigação arqueológica (Hodder e Orton, 1976; Robertson *et al.*, 2006). O estudo e restituição dos modelos de povoamento têm inclusivamente constituído uma das ferramentas metodológicas fundamentais para a delimitação de grupos culturais e para a definição de etapas históricas na medida em que esses modelos constituem a expressão concreta de uma estratégia de ocupação e exploração do espaço em que uma determinada comunidade se fixa ou se move, mas também a materialização de um entramado de relações sociais, políticas e ideológicas (Kroll e Price, 1991; Jones, 1997, p. 49-50; Brück e Goodman, 1999).

A análise espacial e territorial, nas suas várias escalas, permite de facto analisar distintos níveis de estruturação das comunidades humanas do passado e das suas relações mútuas que poderíamos, esquematicamente, resumir em três apartados fundamentais:

1. a relação de um dado grupo humano com o seu espaço envolvente;
2. a relação entre vários grupos humanos num território dado;
3. a relação entre grupos humanos diferenciados ocupando territórios contíguos.

Cada um destes apartados inclui as suas próprias questões e tópicos de análise próprios. No primeiro cabem, por exemplo, os estudos sobre exploração de recursos ou sobre manipulação e alteração antrópica do território (Chambers, 1993; Dincauze, 2000, p. 63-80; Reitz e Shackley, 2012, p. 471-473); no segundo podem facilmente enquadrar-se análises respeitantes à presença ou ausência de fenómenos de hierarquização do povoamento e conseqüentemente sobre a estrutura social, política e económica das sociedades estudadas, bem como o estudo dos fenómenos de especialização económica no interior de malhas de povoamento complexas (Chapman, 2003); finalmente, o terceiro apartado, pela sua ampla escala, abrange a análise de um conjunto alargado de fenómenos de interacção cultural, sejam eles de índole pacífica – comercial ou diplomática, por exemplo – ou de índole conflitual – incluindo processos bélicos, de invasão ou conquista e coloniais (van Dommelen, 1998; Lyons e Papadopoulos, 2002; Gosden, 2004; Hodos, 2006; Voss e Casella, 2012).

Estes tópicos de análise, que naturalmente podem incidir sobre momentos concretos, adquirindo assim um carácter eminentemente sincrónico, podem também abordar-se desde uma perspectiva diacrónica, de duração mais ou menos larga. Com efeito, o dinamismo das sociedades humanas do passado tem evidentes reflexos nas fórmulas de ocupação e exploração dos seus territórios.

Particularmente interessantes dentro dessa perspectiva diacrónica que se privilegia na sessão cujos resultados agora se publicam é a questão dos momentos de transição. A apreciação das mudanças ocorridas nos modelos de povoamento e nas fórmulas de ocupação e apropriação dos territórios reveste-se de um inegável interesse para compreender essas transições e as transformações que acarretam, e exige uma discussão metodológica abrangente, transversal e interdisciplinar.

Com a sessão *Territórios em Mudança* pretendeu-se precisamente constituir uma plataforma para essa discussão, privilegiando as abordagens aos fenómenos que poderíamos designar de *territorialização*¹. As comunicações apresentadas nesta sessão abordaram os variados modos, fórmulas e ritmos como as comunidades do passado modelaram, física e conceptualmente, os seus espaços vitais transformando-os em territórios marcados por redes de relações sociais e políticas, e em paisagens dotadas de densidade ideológica e simbólica (Criado Boado, 1999; Brück e Goodman, 1999).

1. Em referência, mesmo que indirecta, ao conceito de desterritorialização de G. Deleuze e P. Guattari (1972).

Numa análise como a que se preconizou nesta sessão as formas de *apropriação* de um dado território, sejam elas pacíficas ou conflituosas, bem como a construção de discursos de *legitimação* deverão também merecer uma particular atenção (Bradley, 1998; Brück e Goodman, 1999; van Dyke e Alcock, 2003), a par da questão da própria relação com o território e os seus recursos e das transformações decorrentes tanto de alterações das condições ambientais como do próprio impacto antrópico.

Privilegiaram-se, nesse sentido, as contribuições ancoradas em abordagens de âmbito interdisciplinar, quer em diálogo com o campo das Ciências Sociais, particularmente apto para contribuir para a análise do primeiro feixe de questões enunciado (Layton e Ucko, 1999) – construção de discursos sociais e identitários de apropriação do território e legitimação da sua posse – quer com o campo das Ciências Naturais e Exactas, cujo contributo tem sido decisivo para o desenvolvimento de leituras relacionadas com o segundo feixe de problemáticas mencionado (Dincauze, 2000; Reitz e Shackley, 2012) – a relação com o meio natural e os seus recursos.

Um terceiro eixo de análise que procurámos enfatizar particularmente prende-se com a análise dos territórios como palcos de interação cultural, na medida em que os fenómenos de *territorialização* a que antes aludíamos se estruturam, em muitos casos, no âmbito das relações dialécticas com o Outro (Barth, 1969; Hodder, 1982; van Dommelen, 1998). Encorajámos, por isso, a apresentação de contribuições abordando esta dimensão de análise, quer se prendam com a estruturação de *territórios fronteiriços* (Barth, 1969), de *espaços coloniais* (van Dommelen, 1998; Gosden, 2004; Hodos, 2006; Voss e Casella, 2012) ou às dinâmicas de ocupação e estruturação do território próprias dos fenómenos de *conquista* e *anexação* (Voss, 2008; Mattingly, 2011), bem como, inversamente, às possíveis paisagens de *resistência* e *subversão* (Voss, 2012; González Ruibal, 2014).

A enorme diversidade de fenómenos e processos históricos que caberia dentro das linhas temáticas traçadas acima não se esgotou, naturalmente, na sessão *Territórios em Mudança*. Cremos no entanto que, ao propor uma plataforma de discussão aberta a distintas linhas teóricas e metodológicas e comportando contributos respeitantes a qualquer cronologia ou geografia, esta sessão e os seus resultados, que agora se publicam, poderá constituir um interessante ponto de partida para o desenvolvimento de linhas de investigação de cariz comparativo aplicadas ao estudo dos comportamentos territoriais em contextos de transição histórica.

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, F., ed. (1969) – *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Oslo: Universitetsforlaget.
- BRADLEY, R. (1998) – *The Significance of Monuments. On the shaping of human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Londres: Routledge.
- BRÜCK, J.; GOODMAN, M., eds. (1999) – *Making Places in the Prehistoric World. Themes in settlement archaeology*. Londres: UCL Press.
- CHAMBERS, F., eds. (1993) – *Climate Change and Human Impact on the Landscape*. Londres: Chapman & Hall.
- CHAPMAN, R. (2003) – *Archaeologies of Complexity*. Londres: Routledge.
- CRIADO BOADO, F. (1999) – *Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.
- DINCAUZE, D. (2000) – *Environmental Archaeology. Principles and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VAN DOMMELEN, P. (1998) – *On Colonial Grounds: a comparative study of colonialism and rural settlement in first millennium BC west central Sardinia*. Leiden: Leiden University.
- VAN DYKE, R.; ALCOCK, S., eds. (2003) – *Archaeologies of Memory*. Londres: Blackwell.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. (2014) – *An Archaeology of Resistance: Materiality and Time in an African Borderland*. Lanham: AltaMira Press.
- GOSDEN, C. (2004) – *Archaeology and Colonialism: cultural contact from 5000 BC to the present*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I. (1982) – *Symbols in Action. Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I.; ORTON, C. (1976) – *Spatial Analysis in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODOS, T. (2006) – *Local Responses to Colonization in the Iron Age Mediterranean*. Londres: Routledge.
- JONES, S. (1997) – *The Archaeology of Ethnicity. Constructing identities in the past and present*. Londres: Routledge.
- KROLL, E.; PRICE, T., eds. (1991) – *The Interpretation of Archaeological Spatial Patterning*. New York: Springer.
- LAYTON, R.; UCKO, P. (1999) – *The Archaeology and Anthropology of Landscape. Shaping your landscape*. Londres: Routledge.
- LYONS, C.; PAPADOPOULOS, J. (2002) – *The Archaeology of Colonialism*. Los Angeles: Getty Research Institute.
- MATTINGLY, D. (2013) – *Imperialism, Power and Identity: experiencing the Roman Empire*. Princeton: Princeton University Press.
- RITZ, E.; SHACKLEY, M. (2012) – *Environmental Archaeology*. New York: Springer.
- ROBERTSON, E.; SEIBERT, J.; FERNANDEZ, D.; ZENDER, M., eds. (2006) – *Space and Spatial Analysis in Archaeology*. Calgary: University of Calgary Press.
- VOSS, B. (2008) – Domesticating imperialism: sexual politics and the archaeology of empire. *American Anthropologist*, 110: 2, p. 191-203.
- VOSS, B. (2012) – Sexual effects: Postcolonial and Queer Perspectives on the Archaeology of Sexuality and Empire. In VOSS, B.; CASELLA, E., eds., *The Archaeology of Colonialism. Intimate Encounters and Sexual Effects*. Cambridge: Cambridge University Press, p.173-193.
- VOSS, B.; CASELLA, E., eds. (2012) – *The Archaeology of Colonialism. Intimate Encounters and Sexual Effects*. Cambridge: Cambridge University Press.